



espaço livre

Na borda do inaudito

PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ

Nenhum pranto apagou
o furor que incendiava
naqueles olhos.
Nenhuma esperança
sustentava-se na alma
minada de melancolia e rancor.
Tudo virava cinza:
toda ela era fogo e cólera.
A doçura encobria
naturezas incivilizadas.
Cortava-se para escoar os tormentos.
O que os lábios omitiam,
as feridas escancaravam.
O sangue manava alfabetos primitivos
e cintilava pesares.
Em sacrifício no altar das paixões,
lutava com o que a dominava pelas entranhas.

A tristeza do estável

O que é viver intensamente?
Pura abstração epistemológica.
Ir ao encalço da concretude,
da *arché* das sensações,
do umbigo das evanescências,
é o mesmo que regar
desertos com um copo d'água.
Nada.
A obsessão pela novidade
leva ao paradeiro da nostalgia,
o espaço cujo tempo se coagulou.
No auge da aposta e da perda,
as excitações fossilizadas
buscam a reprise
do que nunca será devir.
O presente...
Ah, o presente,
quero me conjugar a ele e nele.
Sempre.

Continuando as narrativas (e torcendo para que sigam poéticas)

FLÁVIA BERNARDI

Fiquei surpresa — e imensamente feliz — por sentir na pele a grande repercussão do Boletim do CEP entre os cepianos, notável na movimentação e na curiosidade provocada pela expressão “fósseis de referência”, que utilizei no meu último artigo, “Narrativas poéticas” (Boletim 2021/2). O objetivo da escrita é causar, cutucar, movimentar... e, pelo jeito, deu certo.

Então, colegas, aqui vão mais algumas informações sobre essa curiosa expressão (“fósseis de referência”), que encontrei no texto de 1939 intitulado *El hombre Moisés y la religión monoteísta*, edição da Amorrortu, volume XXIII das obras completas de Freud. Cheguei até ele graças a Walter Benjamin, que, entre tantos outros escritores e pensadores, muito me provoca a pensar sobre as narrativas e as intervenções analíticas que possibilitam que o sujeito do inconsciente



emerja. Lendo os textos benjaminianos, pesquisei as citações de Freud a respeito dos traços nos quais o sujeito se apoia para narrar a sua história e cheguei à atípicamente expressa. E foi passando (e me demorando!) pelo texto “Romances familiares” (1909) que melhor entendi que os tais “fósseis de referência” — tão bem nomeados no texto de 1939 — são os traços que sobraram das reminiscências dos pais da infância, traços nos quais o sujeito sempre vai se apoiar para criar sua história — e com base nos quais o neurótico vai criar o seu próprio “romance” sobre os pais enaltecidos, que, tal qual fósseis, sempre existirão, apesar da passagem do tempo e da ação efetiva do recalque.

Esses “fósseis” seriam a insistência do que está na origem: o “núcleo de verdade histórica” que a tarefa analítica procura trazer à luz e que é composto por restos. Essas formações do in-

consciente, que surgem como uma narrativa parcial e inacabada, são produtos das peculiaridades que determinam os elos indissociáveis entre tudo aquilo que é narrado e aquilo que a pessoa de fato viveu. É por isso que no texto “O Eu e o Id” (1923) Freud descreve o caráter do Eu como um precipitado de investimentos recolhidos dos objetos abandonados.

Encontrar termos novos, brincar com as palavras, saltitar por outras traduções, revisar textos técnicos e literários: sem dúvida tudo isso confere leveza e empresta novas cores à teoria e à nossa escuta clínica. Uma querida colega comentou comigo, dia desses, que a metapsicologia pode ganhar *status* de poesia nas palavras de alguns... Achei lindo! Acredito mesmo nisto: a literatura surge como uma facilitadora para decifarmos esse arcaico que funda e forma o psiquismo.

Sem mordaza, sem máscara

SUELI SOUZA DOS SANTOS

Depois de dois anos de estupefação (2020-2021), já podemos parar e pensar sobre o que mudou na nossa vida com a nova (des)ordem mundial. A (des)organização e o (des)controle de ações ecocidas do mundo capitalista contra o planeta produziram uma pandemia que gerou o pânico, o terror e a morte de muitas pessoas, principalmente de pessoas comuns, independentemente de classe social. Foram muitos os que perderam suas vidas e não tiveram o direito de ser tratados com os rituais civilizatórios que dignificariam sua existência e sua passagem pela vida.

Ao que parece, o sofrimento de tantos que ficaram e dos milhões de mortos resultou em oportunidades para poucos. Diante de uma crise sem precedentes do mercado de capitais, nada mais oportuno para resolver as contendas e a diminuição dos lucros de investidores ou donos do dinheiro do mundo do que indicar um culpado, um inimigo comum (chineses?) a ser responsabilizado pela propagação de uma peste que dizima o planeta.

O mundo inteiro, acima e abaixo do Equador, foi abatido. Os brancos colonizadores e



detentores de privilégios do Norte e as periferias despossuídas, colonizadas e mestiças do Sul foram vitimados por um vírus cultivado e disseminado — segundo agências de notícias ligadas às grandes fortunas e propagadas pelas mídias sociais — em um mercado de alimentos pouco higiênico de Wuhan, considerado marco zero do coronavírus.

Mas por que falar disso agora, quando se acredita que superamos os piores momentos da pandemia, quando estamos voltando às atividades do cotidiano, com a ilusão de que a vida retoma seu curso natural? Não seria mais adequado seguir em frente sem olhar para esse passado recente, como se nada houvesse

